

A LIBERDADE EM *L'ÊTRE ET LE NÉANT*:
DESCRIÇÃO E PROBLEMAS

Delmar Cardoso
CES - Belo Horizonte

Resumo: O artigo repropõe o tema da liberdade em *L'être et le néant* tal qual ele foi apresentado pelo próprio Sartre em sua obra-prima, ou seja, no primeiro capítulo da quarta parte do livro. Analisando esse capítulo da obra sartriana, procura-se realçar os principais elementos da concepção de liberdade segundo as pretensões do existencialismo de Sartre. De tal análise emergem problemas – como o niilismo e ateísmo – que a reflexão sartriana tem a apresentar ao hoje filosófico, em particular ao filosofar cristão.

Palavras-chave: Liberdade, situação, escolha, outro, absurdo, ateísmo.

Abstract: The article returns to the theme of freedom in *L'être et le néant*, as it was introduced by Sartre, in the first chapter of the fourth part of his masterpiece. In analysing the chapter, the article emphasizes the principal elements of the conception of freedom according to the claims of Sartre's existentialism. Some Sartrian issues that emerge from this analysis, such as nihilism and atheism, are still very present in today's Philosophy and especially in Christian Philosophy.

Key words: Freedom, situation, choice, other, absurd, atheism.

Introdução

Do título, pode-se deduzir como este artigo se desenvolve: são duas indicações que o guiam¹. A primeira delas diz respeito ao nosso objeto de estudo, o qual não é toda a obra-prima de Sartre, mas sim uma precisa parte dela, ou seja, o primeiro capítulo da quarta parte que se intitula: «Ser e fazer: a liberdade». Nesta que é a quarta e última parte de *O ser e o nada*², o nosso autor toma em consideração a liberdade. «Ter, fazer e ser» é como Sartre intitula essa seção de *O ser e o nada*, permitindo-nos entrever que a sua reflexão a essa altura de sua obra procura dar à ontologia um estatuto prático que a recoloca em um plano fenomenológico. Não é por acaso que essa pretensão de Sartre se vê também no subtítulo de sua obra: *ensaio de ontologia fenomenológica*.

Sabemos, pois, que para Sartre o ser se situa no horizonte de uma mera descrição fenomenológica. Esse pressuposto limita o ser unicamente à estrutura da existência humana. Eis por que em Sartre há somente dois modos fundamentais do ser: de um lado, há a *coisa* ou *mundo* ou, para falar segundo a nomenclatura sartriana, o *Em-si*; de outro, há a *consciência*, o *homem* ou, sempre segundo Sartre, o *Para-si*. Estes dois modos fundamentais do ser acontecem no existir humano inseparavelmente e em clima de insuperável tensão.

Nossa escolha em tomar somente um determinado capítulo de *O ser e nada* é autorizada pelo próprio Sartre quando ele diz que, mesmo que a liberdade seja tratada um pouco em todo *O ser e o nada*, é nessa passagem da obra que ela é considerada a partir de um ponto de vista que se pode chamar formal. Nas outras partes do livro, porém, Sartre trata da liberdade fazendo por assim dizer observações. Mas nesse capítulo pretende «alcançar a liberdade em seu bojo»³, retomando tudo aquilo que ele já disse sobre a liberdade nas páginas anteriores do seu livro. A liberdade é, por assim dizer, o coração e o objetivo de todo o livro de Sartre, porque é ela a definir o próprio ser humano, o *Para-si*.

O presente artigo procura em primeiro lugar descrever as reflexões sartrianas no capítulo sobre a liberdade. A palavra *descrição* tem aqui um sentido marcadamente sartriano. Com efeito, para Sartre, «descrecer,

¹ Uma primeira versão em italiano deste texto foi apresentada e defendida como *lectio coram* em vista do doutoramento em filosofia junto à Pontificia Università San Tommaso D'Aquino (Angelicum), em Roma, em janeiro de 2003.

² J.-P. SARTRE, *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Paris, Gallimard, 1943. As citações dessa obra serão tomadas da tradução brasileira: J.-P. SARTRE, *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, trad. P. Perdigão, 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Doravante as referências a essa obra sartriana são feitas sob a sigla SN.

³ SN 543.

comumente, é uma atividade de explicitação visando as estruturas de uma essência singular»⁴. Entendemos *descrição* como um dos aspectos mais importantes do existencialismo em geral e do existencialismo de Sartre em particular. Destarte, seguiremos os passos de Sartre no mesmo modo como ele próprio dividiu esse capítulo em três partes. Os *problemas* são colocados em evidência dentro do corpo do nosso texto, de modo que queremos estabelecer um diálogo direto com o texto de Sartre. Eis o motivo pelo qual praticamente não aparecem referências explícitas à bibliografia utilizada. As páginas seguintes não têm a pretensão de abraçar todas as implicações do trecho de *O ser e o nada* que estamos para estudar. Elas se desenvolvem, pois, a partir deste esquema:

1. A liberdade em sua existência original
2. A liberdade em confronto com o dado da situação
3. Acenos para uma moral: liberdade e responsabilidade

1. A liberdade em sua existência original

O capítulo sobre a liberdade em *O ser e o nada* se abre com uma primeira subdivisão que se intitula «A condição primordial da ação é a liberdade». Podemos dizer que nessas páginas Sartre reflete sobre a liberdade como um fazer, isto é, como algo que acontece como cumprimento de uma ação, e não como um *a priori*. Implicitamente Sartre afirma que *tudo é ato*, pois «é o ato que decide seus fins e móveis, e o ato é expressão da liberdade»⁵. A reflexão sartriana elimina logo no seu ponto de partida qualquer noção de potência. Em outras palavras, o *Para-si* assume o primeiro lugar no discurso de Sartre sobre a liberdade. A liberdade é algo que constitui o homem e à qual ele está condenado.

Eis que o sujeito assume o papel de protagonista na reflexão de Sartre. Aquilo que se faz vem antes, e determina aquilo que se é. A ação, pois, ocupa o primeiro lugar dentro de uma reflexão que a enquadra no seu aspecto *intencional*. A intenção do sujeito é o interesse de Sartre. Vê-se as pegadas da fenomenologia husserliana no percurso feito por Sartre em busca da liberdade.

Mas Sartre é consciente de que nem sempre o querer pode se realizar. Mais: o nosso livre querer colocado em prática provoca muitas vezes consequências imprevisíveis, para bem ou para mal. Assim, Sartre começa a descrever exemplos que vão desde o Império Romano à vida operária e quotidiana do seu

⁴ SN 541.

⁵ SN 541.

tempo, com o escopo de tornar evidente que o sujeito, no que diz respeito à liberdade, tem a primeira e a última palavra: «Nenhum estado de fato... é capaz de motivar por si mesmo qualquer ato» ou ainda: «Nenhum estado de fato pode determinar a consciência a captá-lo como negatividade ou como falta»⁶. O sujeito é negação ou anulação do mundo. Sartre, baseando-se primeiro em Spinoza e Hegel e depois em Heidegger, postula «que a condição indispensável de toda ação é a liberdade do ser atuante»⁷.

A primeira coisa a precisar-se é, então, a recusa de uma concepção de homem como essência. As discussões sobre a liberdade feitas por Sartre não pretendem determinar a essência da liberdade ou do homem, mas sim provar a sua existência: «a liberdade não tem essência. Ela não está submetida a qualquer necessidade lógica»⁸. A liberdade é sempre a liberdade de alguém, a liberdade do indivíduo, mas não uma liberdade comum a todos os homens. A liberdade está ao alcance da mão do sujeito individual que diz com Sartre: «sou um existente que *aprende* sua liberdade através de seus atos, mas também sou um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade»⁹. Os aspectos temporal, psicológico e social não infringem esta prioridade da liberdade, sendo inadmissível interpretá-los em termos de determinismo. «O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é *tendo sido* no âmago do homem e obriga a realidade-humana a *fazer-se* em vez de *ser*»¹⁰.

Motivos e móveis, intenções, atos e fins, ao contrário de enfraquecerem a liberdade, funcionam como um reforço a ela. A liberdade está ligada antes de tudo à vontade. No entanto, como não se dar conta da espontaneidade e imprevisibilidade que também fazem parte da realidade humana, principalmente quando se trata do seu aspecto sofredor, patético? Para Sartre, a vontade não está, pois, reduzida ao âmbito psíquico, mas põe-se, juntamente com a liberdade, como uma negatividade: «A vontade, com efeito, coloca-se como decisão refletida e deliberada em relação a certos fins»¹¹, com a qual não se pode comparar a decisão tomada com *páthos*. Ao contrário, as próprias paixões são dominadas pela liberdade que está conjugada à vontade: «A liberdade nada é senão a *existência* de nossa vontade ou nossas paixões, na medida em que tal existência é nadificação da facticidade, ou seja, existência de um ser que é seu ser à maneira do ter-de-ser»¹².

A essa altura nos convém prestar atenção ao fato de que nas considerações de Sartre a espontaneidade, como observa Elders, carrega em si uma espé-

⁶ SN 539.

⁷ SN 540.

⁸ SN 541.

⁹ SN 542-543.

¹⁰ SN 545.

¹¹ SN 548.

¹² SN 549.

cie de mistura ou confusão entre vontade, instinto, desejo e paixão. A vontade, em Sartre, encontra-se conjugada à liberdade, mas – é necessário admitir – encontra-se também desvinculada da bondade e do intelecto¹³.

Sartre fala de liberdade como escolha. Ser livre quer dizer escolher. Logo, a escolha manifesta que a realidade-humana se constitui como um projeto no mundo. Tal projeto, qualificado por Sartre como original ou inicial, modifica-se constantemente no combate existencial da realidade humana contra o mundo.

Mesmo que sejamos tentados a pensar que a reflexão de Sartre tenha caráter psicanalítico, é importante salientar que Sartre pretende tornar evidente a sua compreensão ontológica da liberdade. Eis por que o debate sobre o móbil e o motivo, isto é, sobre os aspectos subjetivo e objetivo do agir humano, é levado a termo com a constatação de que eles são correlativos. Desse modo, Sartre nos conduz a uma dialética da liberdade em chave de interpretação temporal, na qual o futuro toma parte como o ponto a partir do qual se atua a hermenêutica da ação própria da realidade humana. O cronológico, em Sartre, é prioritário em relação ao lógico, em sentido inverso: «interpreta-se, portanto, a partir do futuro»¹⁴.

No final desta primeira subdivisão do capítulo sobre a liberdade, Sartre retoma o discurso que acabara de fazer, resumindo, por assim dizer, as suas reflexões em oito tópicos. Tais tópicos têm uma característica comum que podemos qualificar de didática e oferecem ao leitor uma nova visão daquilo que foi dito nessa primeira parte do capítulo. Além disso, Sartre prepara o próximo aspecto ao qual a liberdade está relacionada. Ele tratará desse aspecto na subdivisão seguinte. Eis os oito tópicos, segundo o «resumo» de Sartre¹⁵:

- 1) Para a realidade humana, «ser reduz-se a fazer»¹⁶.
- 2) «se a realidade-humana é ação, isso significa, evidentemente, que sua determinação à ação é, ela mesma, ação»¹⁷.
- 3) «se o ato não for puro *movimento*, deve definir-se por uma *intenção*»¹⁸.
- 4) «o mundo revela-se dessa ou daquela maneira (em tal ou qual ordem) segundo o fim escolhido»¹⁹.

¹³ Cf. L. ELDERS, *Jean-Paul Sartre: el ser y la nada*, trad. esp. Madri: EMESA, 1977, 215-217.

¹⁴ SN 578.

¹⁵ Apresentamos aqui o nosso «resumo» do «resumo» de Sartre, utilizando suas próprias palavras. Cf. SN 586-592.

¹⁶ SN 586.

¹⁷ SN 587.

¹⁸ SN 587.

¹⁹ SN 588.

5) «Se o dado não pode explicar a intenção, é preciso que esta, por seu próprio surgimento, realize uma ruptura com o dado, seja esse qual for»²⁰.

6) Negação interna: «se a consciência existe a partir do dado, não significa em absoluto que o dado a condicione»²¹.

7) «a realidade-humana pode escolher-se como bem entenda, mas não pode não escolher-se... Essa escolha é absurda, não porque careça de razão, mas porque não houve a possibilidade de não escolher»²².

8) «O projeto livre é fundamental, porque é meu ser... Só há escolha fenomenal, desde que, todavia, entenda-se que o fenômeno neste caso é o absoluto»²³.

Vê-se, pois, que há um movimento que parte do sujeito e conduz ao objeto. Sartre mostra-se coerente com os pontos-chave da filosofia existencialista que põe em primeiro lugar o sujeito ou, se quisermos, o sujeito individual enquanto existente; mas o sujeito se confronta com o objeto, isto é, com o mundo fenomênico. Note-se, porém, que – como é perfeitamente compreensível no caso de Sartre – se trata de um movimento no qual a negatividade tem um papel determinante, o que implicará no absurdo que caracteriza a sua filosofia: seja o sujeito que foi considerado o fundamento da liberdade, seja o dado da situação com o qual o sujeito se relaciona, não têm outro destino senão renderem-se ao absurdo da existência de um (sujeito) e da opacidade do outro (objeto). Daí que passamos, pois, a tratar da liberdade em confronto com o seu «reverso», que é o dado da situação.

2. A liberdade em seu confronto com o dado da situação

A subdivisão em que Sartre toma em consideração a situação é chamada por ele de «Liberdade e Facticidade: a Situação». Veja-se que aqui entra em jogo o paradoxo em que a liberdade se encontra imersa: os fatos estão aí, nós estamos diante deles; mas como afirmar a liberdade como escolha, se na prática não se escolhe tudo? Não escolhemos nosso lugar de nascimento. Nossa condição familiar não é talvez aquela que queremos. Pode ser que nossa saúde física às vezes não seja boa ou nunca o foi, etc. Os exemplos não conhecem fim...

O debate de Sartre tem como pano de fundo os argumentos do determinismo como doutrina oposta à liberdade. Ele, logo no início, diz que tais argumentos

²⁰ SN 588.

²¹ SN 589.

²² SN 590.

²³ SN 590-591.

– também chamados de «coeficiente de adversidades das coisas» – não danificam a liberdade, «porque é *por nós*, ou seja, pelo posicionamento prévio de um fim, que surge o coeficiente de adversidade»²⁴. Tudo o que existe fora do Para-si se esclarece, por assim dizer, pelo fim que o próprio Para-si põe na sua relação com o mundo, isto é, o Para-si se realiza como escolha.

Deve-se prestar atenção ao fato de que é precisamente nessa passagem de *O ser e o nada* que se vê de modo claro o contexto em que a obra foi escrita. Sartre fala do comprometimento²⁵ como garante da liberdade: «Só pode haver um Para-si livre enquanto comprometido em um mundo resistente»²⁶. Volta aqui aquela espécie de aforismo sartriano que liga a liberdade à vontade: «“ser livre” não significa “obter o que se quis”, mas “determinar-se por si mesmo a querer (no sentido lato de escolher)”»²⁷. Não se admite a distinção entre a escolha e a ação, isto é, a intenção e o ato formam um todo incidível.

Assim a questão da facticidade da situação é considerada por Sartre indo mais além de um determinismo barato, pelo qual, por um lado, o dado da situação vem ao encontro da liberdade e a destrói; e, por outro lado, a própria liberdade supõe a situação qual algo que ontologicamente lhe pertence.

A postura de Sartre conduz-nos, então, à facticidade da própria liberdade, pois o homem é «abandonado» à liberdade, para dizer segundo a leitura que Sartre faz de Heidegger ou, sartrianamente falando, «o homem é condenado a ser livre»²⁸. A liberdade não é livre de ser livre. Há uma guinada no movimento da dialética sartriana e retornamos à prioridade do sujeito, por isso «existir como o *fato* da liberdade ou ter-de-ser um ser no meio do mundo é a mesma coisa, o que significa que a liberdade é originariamente *relação com o dado*»²⁹.

Para Sartre, a situação significa a contingência da liberdade, a qual a cada situação se põe um fim. Não há por assim dizer nada em estado bruto. O dado da situação não é somente produto do Em-si, mas é também produto do Para-si. A realidade-humana é a sua escolha (ou seria mais coerente se Sartre tivesse dito que a realidade-humana *continua sendo ininterruptamente* a sua escolha em movimento). Assim, «a facticidade da liberdade é o dado que ela *tem-de-ser* e ilumina pelo seu projeto»³⁰.

A essa altura do seu texto, Sartre apresenta uma série daquilo que ele chama de «exemplos precisos» da relação entre a liberdade e a situação.

²⁴ SN 593.

²⁵ Tal tradução também poderia aparecer sob os vocábulos *compromisso* ou *engajamento*.

²⁶ SN 595.

²⁷ SN 595.

²⁸ Cf. J.-P. SARTRE, *O existencialismo é um humanismo*, 9.

²⁹ SN 599.

³⁰ SN 602.

Observe-se a advertência de Sartre sobre como tais exemplos não querem ser exaustivos e que nunca se dão sozinhos. Além do mais, ele faz questão de sublinhar a unidade absoluta do sujeito individual, qual autor e centro da escolha. Eis os cinco exemplos de Sartre:

- 1) meu lugar
- 2) meu passado
- 3) meu corpo
- 4) meu próximo
- 5) minha morte

Todos esses exemplos destacam-se pela sua característica antropológica. Em Sartre, a natureza não tem muita importância, para não dizer que não tem mesmo importância alguma. Note-se que o pronome possessivo funciona como um garante do modo arbitrário de Sartre considerar o dado natural das coisas com as quais o homem está em contato no seu relacionar-se como o mundo. Sartre quer acentuar que o mundo *é significado pelo homem*, porém ele acaba tirando do homem a sua pertença ao mundo. Passemos, então, a ver um pouco mais detalhadamente as reflexões de Sartre.

1) meu lugar

O primeiro dos exemplos de «situação» diz respeito ao lugar. Somos imediatamente induzidos a pensar que se trata do lugar geográfico. Mas não é assim. O lugar geográfico, evidentemente, pertence à situação do «meu lugar», porém não é o único aspecto a dar-lhe significado. Para Sartre, todos os objetos com os quais me relaciono também compõem o «meu lugar».

Como a primazia é dada sempre ao sujeito, Sartre submete o lugar à condição de posterior ao sujeito. É, pois, a liberdade que constitui a facticidade do meu lugar, ou seja, «meu lugar» existe por meio de minha liberdade. Da negatividade que constitui o Para-si provém a determinação espacial que é «meu lugar». O lugar é «lugar» somente porque o Para-si o constitui como tal. Do contrário não seria nada. «Meu lugar, antes que a liberdade tenha circunscrito minha localização como uma falta de determinada espécie, “não é”, propriamente falando, absolutamente nada, uma vez que não existe a própria extensão a partir da qual se compreende todo e qualquer lugar»³¹.

2) meu passado

As reflexões que Sartre denomina de «meu passado» se enquadram naquilo que podemos chamar o âmbito da história. A história é, com efeito, uma

1 SN 608.

das situações que vêm inexoravelmente ao encontro do Para-si, à qual ele não pode escapar.

Estamos diante de um paradoxo apresentado em forma de pergunta: meu passado me determina? A resposta a esse paradoxo é dada através de um exame da condição temporal da realidade humana. Se esta é, de fato, o seu passado, ela é também o seu presente e não é ainda o seu futuro. Sartre desenvolve uma dialética do tempo que tem como fio condutor a negação. Tal negação é colocada em movimento através do fim que o sujeito põe ao tomar em consideração o seu passado. «Mas é precisamente de minha liberdade atual que depende confirmar o sentido dessas antecipações assumindo a responsabilidade por elas, ou seja, dando seguimento a elas, antecipando o mesmo porvir que elas antecipavam, ou então invalidá-las, simplesmente antecipando outro porvir»³². Sartre aplica ao passado a escolha que define a liberdade, isto é, o nosso próprio passado é também escolhido por nós. E é essa escolha que define o passado enquanto histórico.

O passado histórico caracteriza-se por ser *monumental* e por estar *em suspenso*. Estas características do passado significam que ele é *criado* a partir do presente e do futuro, ou seja, ele recebe o seu sentido a partir daquilo que se é (presente) e daquilo que não se é ainda (futuro). O presente é espera, quer em relação ao passado, quer em relação ao futuro. E a história como fenômeno humano possui a característica de ser processo e progresso, vale dizer que ela nada tem a ver com o estático e determinado.

3) meus arredores

Trata-se do mundo circundante, que traduz o termo alemão *Umwelt*. O mundo circundante diz respeito aos objetos dos quais fazemos ou não os nossos utensílios. Numa dada situação, as coisas que estão ao nosso redor podem ter uma função útil, mas também podem ser um obstáculo ou algo prejudicial a nós. Sartre reforça mais uma vez a idéia de que nossa liberdade de *escolher* não deve ser confundida com nossa liberdade de *obter*³³. Também em relação à técnica, é o ser humano, qual protagonista da escolha, a ocupar o primeiro lugar.

O Em-si que nos circunda é sempre negado pelo Para-si livre, através de uma negação interna que revela o próprio sentido do Em-si. Em outras palavras, é o constante e mutável *fazer* do sujeito que confere às coisas o seu caráter de serem ou obstáculo ou utilidade para o próprio sujeito. Dependendo do fim colocado pelo Para-si, emerge para nós ou – melhor dizendo – se nos desvela o mundo circundante. Fechado, porém, na finitude e concreteness da situação.

³² SN 614.

³³ Cf. SN 621.

4) meu próximo

É inegável admitir o existir coletivo do homem. O Para-si individual não é o único a negar a opacidade do Em-si. Existe o Outro que também possui seus fins, vale dizer que também o Outro é protagonista de suas escolhas no seu confronto com o mundo. Sartre é consciente de que o Outro – ou a multidão de Outros – tem como distinção o significado que dá ao mundo e, conseqüentemente, o significado que dá também aos Outros com os quais partilha a existência. «Eu, por quem as significações vêm às coisas, encontro-me comprometido em um mundo *já significante* e que me reflete significações que não foram criadas por mim»³⁴. Essas palavras sartrianas tornam evidente a imbricação que une o discurso sobre o Eu e sobre o Outro como portadores de significado.

O problema do significado surge, então, como um eixo para nos fazer entender o problema do «meu próximo». Eis por que constatamos que nessa passagem Sartre desenvolve por assim dizer um esboço de filosofia da linguagem.

O falar indica, mais que todas as outras coisas, a pertença do homem ao mundo e, ao mesmo tempo, indica que o homem se encontra junto a outros homens. Mas Sartre não quer separar a linguagem daquele que fala. Esse conjunto forma a vida própria da linguagem. Uma linguagem sem o Para-si que o utiliza, é uma linguagem morta: «é falando que faço a gramática; a liberdade é o único fundamento possível das leis da língua»³⁵.

A linguagem é o instrumento pelo qual a liberdade confere ao *dado* a sua condição de ser *este dado aqui*³⁶. Mas tal movimento volta para o falante, pois também ele está em determinada situação. «O Para-si não é primeiro homem para ser si mesmo depois, e não se constitui como si mesmo a partir de uma essência humana dada *a priori*; mas, muito pelo contrário, é em seu esforço para escolher-se como si mesmo pessoal que o Para-si mantém em existência certas características sociais e abstratas que fazem dele *um homem*; e as conexões necessárias que acompanham os elementos da essência humana só aparecem sobre o fundamento de uma livre escolha: nesse sentido, cada Para-si é responsável em seu ser pela existência de uma espécie humana»³⁷.

Esse caráter determinante do Para-si implica de fato em um limite à liberdade de cada Para-si individual. O Outro que me é transcendente faz de mim um objeto seu, um *Outro-objeto*. Em suma, é a liberdade que limita a própria liberdade, quer a liberdade do próprio Para-si, quer a liberdade de outrem.

³⁴ SN 627.

³⁵ SN 634.

³⁶ SN 636.

³⁷ SN 637.

Cada Para-si, portanto, experimenta nas relações com os Outros uma *alienação* recíproca. O Outro faz de mim um Em-si e também eu faço do Outro um Em-si. Tal alienação tem suas raízes no interior de cada Para-si que escolhe; mas ela se manifesta no dado externo da existência dos outros Para-sis que, também eles, escolhem. Por isso a situação se torna patente como situação-limite. A reflexão de Sartre, todavia, não admite qualquer limite à liberdade. De fato, para ele, esse limite é unicamente externo e, por isso, não é nem obstáculo real nem um efetivo limite. Em suma, o Outro não é nem limite ao Para-si, dado que se trata de um limite que o próprio Para-si se põe a si mesmo, mas que não é posto por ninguém (sujeito) e nada (coisa) além dele mesmo.

5) **minha morte**

A morte é chamada por Sartre de «o inumano por excelência»³⁸. Prestemos bastante atenção a essa definição. Eis um pouco mais em detalhe o trecho completo em que essa frase sartriana é formulada; é necessário dizer também que são as primeiras palavras de suas considerações sobre a morte: «Depois que a morte pareceu constituir o inumano por excelência, já que era aquilo que há do outro lado do “muro”, resolvemos considerá-la de repente de um ponto de vista totalmente oposto, ou seja, como um acontecimento da vida humana»³⁹.

Por trás da afirmação de que a morte é o inumano por excelência, vêm-se três pressupostos sartrianos que devemos esclarecer, antes de tratarmos de suas considerações acerca da morte como uma situação da liberdade humana. O primeiro pressuposto diz respeito ao fechamento do homem na temporalidade histórica, segundo a antropologia sartriana. O segundo pressuposto é o paradoxo que se observa no papel do Para-si dentro da ontologia de Sartre: o Para-si é um projeto livre ou alguém condenado à liberdade. Por fim, o terceiro pressuposto nos faz pensar na imagem negativa ou, se quisermos, pesada e conflituosa, que Sartre tem em relação à condição relacional e recíproca dos seres humanos.

Podemos, pois, tomar em consideração a visão de Sartre sobre a morte. Ele estabelece um diálogo com Heidegger, que define o homem como um ser-para-a-morte. Sartre procura mostrar como a própria morte, qual situação que acontece ao homem, não diminui a condição livre da realidade humana.

Com efeito, para Heidegger, a morte constitui-se como algo ontológico para o homem. Sartre a vê somente como termo da vida humana e, porque também ela diz respeito à vida, está incluída entre os absurdos que caracterizam a existência do Para-si.

³⁸ SN 651.

³⁹ SN 651.

Sartre distingue as duas acepções do verbo «esperar» para melhor esclarecer a sua concepção sobre a morte. Em primeiro lugar, é necessário saber que esperar a morte não quer dizer aguardá-la. Assim, esperar diz respeito a acontecimentos determinados. No caso da morte, ela pode acontecer ao homem seja na velhice, seja improvisadamente na juventude, e terá sempre como característica ser uma anulação da realidade humana. Sartre desloca a discussão sobre a morte para situá-la ao lado da própria vida, dado que a vida é o lugar da espera pela realização dos fins que o Para-si se põe. Destarte, podemos passar a tomar em consideração o papel da responsabilidade que está no centro da concepção sartriana de liberdade.

3. Acenos para uma moral: liberdade e responsabilidade

A última subdivisão do capítulo sobre a liberdade é uma parte voluntariamente incompleta na obra de Sartre. O fato de ser curta não significa que seja menos densa que as outras partes. Nesta seção, Sartre quer sublinhar o significado da liberdade para o destino humano. O destino quer dizer o fim que nos espera, mas como perguntar pelo fim, se se esquece do início? A condenação ontológica do homem, segundo Sartre, é a própria liberdade. Tal situação o faz carregar «nos ombros o peso do mundo inteiro»⁴⁰. Eis o sentido da responsabilidade para Sartre.

A responsabilidade em Sartre implica no poder do homem enquanto centro da existência. É o homem o autor da totalidade das coisas e também o autor do seu próprio ser⁴¹. Sartre, sem dizer explicitamente, supõe aqui algo que sua teoria jamais admitirá: a síntese do ser Para-si-Em-si. Mas, como essa suposição não pode encontrar lugar na ontologia de Sartre, ele pára na liberdade do Para-si.

O Para-si livre abarca todas as situações, também as não-humanas. Mas, porque o Para-si as abarca, tais situações são também elas humanas, pois o Para-si *decide* humanizá-las, fazendo que tudo tenha com ele uma relação de pertença. Volta aqui o discurso sobre o lugar da natureza na filosofia de Sartre. Para Sartre, todo o mundo natural é também ele *humano* ou *humanizado*, porque está submetido às decisões do homem.

O homem não tem desculpas para com a própria existência, porque do momento em que nasce ao ser, ele carrega sozinho o peso do mundo, sem

⁴⁰ SN 678.

⁴¹ Eis uma frase que nos consente pensar assim: «cada pessoa é uma escolha absoluta de si a partir de um mundo de conhecimentos e técnicas que tal escolha assume e ilumina; cada pessoa é um absoluto desfrutando de uma data absoluta e totalmente impensável em outra data». SN 679.

que nada ou alguém possa torná-lo leve. A responsabilidade tem um alcance sobre todas as realidades, menos sobre si mesma, dado que o homem é *abandonado, gratuito, condenado* à liberdade e à responsabilidade. O homem todo-poderoso de Sartre encontra-se só, fechado em si mesmo, apesar de estar em meio ao mundo povoado pelos outros. Resta-lhe a *angústia* por não se saber fundamento de nada, nem do seu próprio ser ou então resta-lhe a *má-fé* de pretender ser tal fundamento.

Conclusão

Um dos aspectos a caracterizar o existencialismo é ter sido uma espécie de moda filosófica, que causou um fascínio de não curta duração num significativo grupo dos interessados em filosofia. Se isso vale para o existencialismo em geral, vale mais ainda para o sartriano⁴². A moda torna-se uso de quase todos, mas pouco a pouco desaparece e, depois de algum tempo de ausência, volta à ribalta, quiçá com algum detalhe a mais ou a menos. Como disse Gilles Lipovetsky, a moda é o «império do efêmero», dado que ela passa sempre e é própria da sociedade pós-industrial⁴³. Todavia, sabemos que por trás das discussões sartrianas, há toda a tradição filosófica que sempre se defrontou com a temática da relação entre liberdade e determinismo. Eis o motivo pelo qual nós tomamos as reflexões sartrianas, procurando salientar os elementos que podem enriquecer o debate filosófico sobre a liberdade.

Nossa reflexão sobre a obra-prima de Sartre nos permitiu observar somente um compartimento do monumental prédio que é *O ser e o nada*. Trata-se, porém, de um compartimento de singular importância, dado o lugar que o tema da liberdade ocupa no filosofar sartriano. Mas é lícito dizer que a liberdade tem o primeiro lugar no pensamento de Sartre? Depende do ponto a partir do qual se olha. É mais ou menos como a arbitrariedade com a qual definimos a posição dos hemisférios do nosso planeta em norte e sul. A mesma arbitrariedade acontece quando se sobe ou se desce uma escada: se se sobe, o primeiro degrau é o último de quando se desce.

Quem tem acesso a Sartre não pode deixar de deparar-se com o ateísmo que quase que imediatamente transparece em seu texto. Assim, pode-se resumir a filosofia do autor de *O ser e o nada* nas seguintes posições:

- 1) *Deus não existe;*
- 2) *não existe natureza humana;*
- 3) *o homem é livre.*

⁴² O próprio Sartre alerta para o fato de o existencialismo ter-se tornado uma moda. Cf. J.-P. Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, 4.

⁴³ G. LIPOVETSKY, *L'empire de l'éphémère*. Paris: Gallimard, 1989.

A primeira posição é uma negação. A segunda posição é também uma negação. Dessas duas posições iniciais se chega ao eixo em torno ao qual gira o pensamento de Sartre: *o homem é livre*. Tal afirmação da liberdade faz de Sartre um filósofo que quis construir um humanismo que fosse radical e unicamente humano, encerrado na imanência do viver espaço-temporal.

Pode parecer uma violação de nossa parte afirmar ser o ateísmo primordial em Sartre. No entanto, basta constatar suas próprias palavras no opúsculo *O existencialismo é um humanismo*, em que é patente a marca decididamente atéia de sua filosofia. Mais: a posição filosófica de Sartre encontra-se num cruzamento entre niilismo e ateísmo, dado que, se prestarmos atenção à sua pretensão de negar a existência de Deus para afirmar a liberdade absoluta do Para-si, diremos que sua filosofia é atéia. Se, porém, pararmos para observar a sua visão que, mesmo enfatizando a liberdade e a ação do Para-si, tira qualquer sentido àqueles aspectos próprios da condição humana, que ele tanto quis colocar em evidência, isto é, a liberdade e a ação; então, temos que dizer que ele se inscreve entre os niilistas.

Ao mesmo tempo que vemos o não-crer e o não-sentido da filosofia de Sartre, ele nos obriga a perguntar sobre o nosso crer e sobre o sentido que damos ao nosso viver. Tendo logo notado o ateísmo de Sartre, não queremos colocar em sua boca algo que ele nunca disse. Mas pretendemos tão-somente salientar que a questão antropológica que está no centro da reflexão sartriana, não se desvincula da questão de Deus. O humanismo radical e autenticamente humano de Sartre afirma a liberdade e a auto-realização do ser humano. Mas liberdade e auto-realização humanas não necessariamente têm de implicar na negação de Deus ou da natureza humana.

Por outro lado, porém, o que significa crer em Deus e dar sentido às nossas ações e ao nosso ser? Responder a tais perguntas é um desafio constante a quem filosofa na fé. Toda a coragem que a filosofia de Sartre nos quer dar, só chega à constatação de que o homem é uma «paixão inútil»⁴⁴. Eis a última palavra da antropologia sartriana. Mas as grandes perguntas ou, se quisermos, os grandes desejos da humanidade conservam sempre toda sua força e alcance: vida e morte; responsabilidade e culpa; felicidade e dor... permanecem como problemas que não são resolvidos da forma simples e cômoda que é afirmar a liberdade absoluta e ao mesmo tempo absurda do sujeito. Talvez a categoria «problema» demonstra-se incapaz de nos fazer chegar a uma solução satisfatória. Gabriel Marcel nos diria que a categoria «mistério» se apresenta como mais adequada para tratarmos das perguntas da existência humana.

⁴⁴ SN 750. É a última frase antes da conclusão de *O ser e o nada*. Portanto, encontra-se no segundo capítulo da parte da obra que analisamos.

A condenação ontológica à liberdade carrega em si uma pergunta: por quem e por qual motivo o ser humano foi condenado? Ele não foi condenado por ninguém e por nada. É a resposta de Sartre. Isso faz do seu homem um Deus defeituoso: em contínua vontade de chegar à síntese do ser *Em-si-Para-si*. Há uma passagem dos Evangelhos que podemos aproximar da posição sartriana, pelo menos no que diz respeito ao adjetivo: quando Jesus chama os seus discípulos de «servos inúteis» (cf. *Lc 17, 10*). Na perícope, Jesus se dirige aos seus seguidores que, como servos inúteis, não recebem nada pelo trabalho realizado. Nesse caso, a inutilidade remonta à gratuidade e doação, algo que de certo modo está também presente em Sartre sob a forma de responsabilidade e comprometimento. Todavia, a diferença entre o trecho evangélico e a conclusão de *O ser e o nada* está no substantivo: *servo* é diferente de *paixão*. A diferença encontra-se no afirmar a pessoa humana e não uma condição do seu ser, mas isso é uma universalidade que a filosofia sartriana nunca reconheceu. De sua parte, o filósofo cristão, mais do que se resignar à comodidade de uma liberdade à qual o homem é condenado, abre-se à possibilidade, ao dom, ao presente de uma *paixão útil*, cujo protagonista é um *servo* crucifixo e ressuscitado que, sendo Deus (*Em-si*) e homem (*Para-si*), dá resposta ao mistério do existir humano.

Bibliografia

CERONI, A. *L'alterità in Sartre*. Milão: Marzorati, 1974.

COGO, B. *Sartre, un umanesimo oltre la disperazione*. Este (Pádua): Grafica Atestina, 1997.

ELDERS, L. *Jean-Paul Sartre: El ser y la nada*. Trad. G. Novas Peledeiro. Madri: EMESA, 1977.

FERGNANI, F. *La cosa umana: esistenza e dialettica nella filosofia di Sartre*. Milão: Feltrinelli, 1978.

GASPARINI, L. *La libertà nell'ontologia di J.-P. Sartre*. Pádua: Liviana Editrice, 1974.

JOLIVET, R. *Sartre ou a teologia do absurdo*. Trad. C. L. de Matos. São Paulo: Herder, 1968 (1965).

LAMOUREUX, F. «L'esistenza umana e il tempo: un accesso fenomenologico esistenzialista». Em *Angelicum*, 74 (1997): 95-115.

LÉONARD, A. *Foi et philosophies: guide pour un discernement chrétien*. Namur: Culture et Verité, 1991.

LÉVY, B.-H. *O século de Sartre: inquérito filosófico*. Trad. J. Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (2000).

LIPOVETSKY, G. *L'empire de l'éphémère: la mode et son destin dans les sociétés modernes*. Paris: Gallimard, 1989.

MARCEL, G. *Homo viator: prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier, 1944.

IDEM. *L'existence et la liberté humaine chez Jean-Paul Sartre*. Présentation D. Huisman. Paris: J. Vrin, 1981.

MARITAIN, J. *La philosophie morale: examen historique et critique des grands systèmes*. Paris: Gallimard, 1960.

MELO, N. V. *A escolha de si como escolha do outro: liberdade e alteridade em Sartre*. Recife: INSAF, 2003.

MOUGIN, H. *La sacra famiglia dell'esistenzialismo*. Trad. L. Messina. Urbino: Argalia, 1971.

OLIVEIRA, N. «Between being and nothingness: Sartre's existential phenomenology of liberation». Em *Veritas* 48, 4 (2003): 581-602.

PRINI, P. *Storia dell'esistenzialismo: da Kierkegaard a oggi*. Roma: Studium, 1989.

SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo* (1946). Trad. V. Ferreira. Em SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo / A imaginação / Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [Coleção Os Pensadores].

IDEM. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. P. Perdigão, 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002 (1943).

IDEM / LÉVY, B. *L'espoir maintenant: Les entretiens de 1980*, présentés et suivis du «Mot de la fin» par B. Lévy. Lagrasse: Verdier, 1991.

STAGNITA, A. *Una religione antropologica: Sartre e la libertà esistenziale*. Nápoles: E. D. I., 1979.

THEAU, J. *La philosophie de Jean-Paul Sartre*. Ottawa: Université, 1977.

Endereço do Autor:
Collegio Belarmino
Via del Seminario 120
00186 Roma - Italia